

Migrantes zoroastrianos na Inglaterra e o conceito de identidade

Zoroastrians migrants in England and the concept of identity

Iasmin Castro de Souza¹

Resumo

Ondas migracionais e diaspóricas no período contemporâneo permitem a circulação de diferentes grupos por todos os continentes. Os adeptos da religião chamada Zoroastrismo, circulavam pelo continente asiático desde a antiguidade. Nos dias atuais, estes caminhos ganham proporções globais. O presente artigo tem o objetivo de analisar as problemáticas envolvidas ao conceito de identidade atrelada a religião entre os migrantes zoroastrianos que vivem na Inglaterra. Discutiremos em um primeiro momento, uma breve contextualização do objeto de estudo e os conceitos teóricos da pesquisa, dando seguimento a análise dos discursos destes migrantes zoroastrianos, a fim de organizar e detectar as problemáticas envolvidas a identidade do sujeito e a religião zoroastriana.

Palavras-chave: Identidade; Zoroastrismo; Migração

Abstract

Migratory and diasporic waves in the contemporary period support the circulation of different groups for all continents. The adepts of the religion called Zoroastrianism, has circulated throughout Asia since the antiquity and nowadays, these paths has gained global proportions. The present article has the objective to analyze the problematics shrouded the concept of identity attached with the religion among the zoroastrians migrants that lives in England. It will be discussed in the first moment, a brief contextualization of the study subject and the theoretical research concepts, following up the analyses of the zoroastrians migrant's speeches in order to organize and detect the problematics among the subject's identity and the zoroastrian religion.

Key words: Identity; Zoroastrianism; Migration

Introdução

Ao caminharmos pelas trilhas da contemporaneidade, nos deparamos com questões próximas a vivência do pesquisador. A História Contemporânea, por assim se dizer, abre espaços e diálogos essencialmente característicos do seu próprio tempo, ofertando ao historiador possibilidades de pesquisas conectadas à vida e à experiência de sujeitos temporalmente próximos.

Uma das perspectivas que nos desperta interesse é o trabalho da oralidade, inserido na pesquisa em História, trazendo o uso de ferramentas como entrevistas e questionários

1 Graduada em História pela Universidade Estadual de Londrina (2017). Mestra em História pelo programa de Pós-Graduação em História Social pela Universidade Estadual de Londrina (2020). Email: iasmincsuel@hotmail.com.

para a fomentação de fontes históricas. É neste formato que a presente pesquisa se encontra.

A partir de um trabalho mais amplo, a dissertação de Mestrado, é proposto aqui um recorte específico. Foi trabalhado durante os anos da pesquisa de Mestrado com migrantes² zoroastrianos que vivem na Inglaterra. Dentre as diversas discussões e problemáticas que surgiram no decorrer da dissertação, trago aqui os envoltos ao conceito de identidade.

Primeiramente, o que são migrantes zoroastrianos? Zoroastriano é todo aquele adepto a religião chamada Zoroastrismo. Pelo fato de não ser uma religião extremamente conhecida, considero importante ressaltar alguns pontos históricos para melhor contextualização do artigo.

Muitos vinculam o nome Zaratustra ao filósofo Friedrich Nietzsche, por publicar em 1885 o livro "Assim falou Zaratustra". Contudo, o nome do personagem de Nietzsche foi conhecido primeiramente como o profeta da religião zoroastriana. Por volta dos séculos XVII e XV a.e.c, em regiões que hoje conhecemos como Irã, nascia Zaratustra (BOYCE, 1979).

Ligada a vida pastoril e sacerdotal do período, Zaratustra é considerado um reformador de ideias, pois inserido em uma sociedade com crenças politeístas, assimilou grande parte desses pontos, mas propôs um sistema religioso monoteísta (BOYCE, 1979). A partir da propagação dessas ideias, o Zoroastrismo chega em seu auge no período da antiguidade com os reis persas. Foi durante a dinastia Aquemênida (550 – 330 a.e.c) que Kreyenbroek (2013) caracteriza a religião em sua primeira fase imperial, portanto, sendo a religião oficial do Império Persa.

O Zoroastrismo é uma religião com princípios dualistas, isto é, faz parte do seu conjunto de crenças a existência de duas forças opostas: o bem e o mal, a verdade e a mentira, a justiça e o caos. Esses sentidos são representados por duas entidades, o deus

2 Faço o uso do termo migrante pois parto da ideia que todo imigrante, que chega em determinado local, já passou e passa pela experiência como emigrante também. Utilizo o termo imigrante ou emigrante quando dada a situação específica.

supremo da sabedoria, Ahura Masda (em avéstico³, Ohrmazd em pálavi⁴), e o espírito da mentira Angra Mainyu (em avéstico, Ahriman em pálavi). Nesta lógica, os dois seres lutam pela soberania, e o dever de todo zoroastriano é contribuir com a vitória do bem, propagando sempre bons pensamentos, boas palavras e boas ações, princípio mais importante dentro do Zoroastrismo (BOYCE, 1979).

Sabendo que o Zoroastrismo é uma religião viva até os dias atuais, é de se esperar os diversos caminhos que seus adeptos tenham passado. As migrações e diásporas são conceitos fortemente presentes nessa história, e aparecem em diversos contextos. Em um dos pontos mais significativos da história dos zoroastrianos, a partir do século VIII e.c ocorre a emigração em direção a região que conhecemos hoje como Índia, mais especificamente a região de Gujarate. Nesse período, na Pérsia, ocorreu a dominação árabe do Império, sendo essa a grande causa da saída de zoroastrianos da sua região de origem, em direção a Gujarate. A perseguição contra aqueles que não se submetiam a conversão islâmica, foi o maior determinante para a formação desta onda emigratória (HINNELLS, 1996).

Na Índia, a comunidade zoroastriana se desenvolveu de maneira fortificada, sendo atualmente a região de maior concentração de adeptos, que por sua vez, foram denominados pelo nome parsi. A partir da chegada dos britânicos na Índia no século XVI, o contato entre europeus e parsis acontece evidentemente. E é no século XVIII que se iniciam as migrações zoroastrianas para Europa, se intensificando nos próximos séculos, XIX e XX (HINNELLS, 2005).

Com uma quantidade pequena, porém significativa, de imigrantes zoroastrianos na Inglaterra, em 1861 é formada a primeira associação zoroastriana da Europa. Os determinantes que levavam esses adeptos a mudarem de continente são a busca por melhores oportunidades de emprego, de capacitações e de especializações em certas áreas de estudos. A partir da década de 80 do século XX, zoroastrianos iranianos também atendem a ondas diaspóricas por conta da implantação da República Islâmica no Irã, na

3 Língua antiga da família Indo-europeia utilizada pelos persas principalmente em escrituras sagradas do Zoroastrismo.

4 Língua do conjunto linguístico chamado persa médio, também utilizado para escrituras zoroastrianas.

qual, além de perseguições religiosas, limitações educacionais e sociais acabavam por sufocar os adeptos (HINNELLS, 2005).

Dessa forma, podemos perceber que mesmo sendo minoria em números em todos os espaços que ocupam, os zoroastrianos passaram por processos migracionais e diaspóricos que levaram a comunidade a se estabelecer em todos os continentes.

Em minha pesquisa de mestrado, procurei trabalhar com os migrantes especificamente estabelecidos na Inglaterra. A escolha do país se deu pelo fato de ser o local com maior concentração de adeptos na Europa, e por ser a primeira região no Ocidente em que se estabeleceram os primeiros imigrantes. Além disso, a instituição citada anteriormente, fundada em 1861, é ainda presente, e se localiza na cidade de Londres. Após algumas mudanças no nome da instituição ao longo do tempo, atualmente esta se intitula *Zoroastrian Trust Funds of Europe* (ZTFE), para o português, Fundos Fiduciários Zoroastrianos da Europa.

Em regiões do Oriente, encontramos atualmente a presença de inúmeros Templos do Fogo, como são chamados os locais de concentração para práticas zoroastrianas. Por mais que nos Estados Unidos se tenha a presença de representações de templos zoroastrianos, no Ocidente não há um local que seja completamente reconhecido como um Templo do Fogo, validado por autoridades zoroastrianas da Índia. Ainda assim, é possível de se realizar em outros países algumas das cerimônias religiosas que ocorrem no Oriente. Na Inglaterra, a ZTFE construiu recentemente a Sala de Orações, um recinto que retrata o interior de um Templo do Fogo, onde os adeptos podem realizar orações e participar de cerimônias.

Para realização da pesquisa, em maio de 2019, foi desempenhado um trabalho de campo na cidade de Londres, Inglaterra. Neste, contei com visitas à ZTFE, nas quais realizei entrevistas com o presidente da instituição, Malcolm Deboo e com o sacerdote responsável pela Sala de Oração da ZTFE, Ervard Yazad T Bhadha; contei também com estudos de reconhecimento da região, participação de uma cerimônia zoroastriana realizada por Yazad Bhadha, e visita ao cemitério zoroastriano. Além disso, produzi um questionário online através da plataforma da Google, com perguntas destinadas a zoroastrianos que vivem na

Inglaterra. A partir de ajuda de Malcolm e outros zoroastrianos, consegui a resposta de 29 respondentes. É com base nestas respostas que construiremos a discussão principal deste artigo.

Nas entrevistas e nos questionários, busquei abarcar questões como a identidade zoroastriana em um meio estrangeiro, a participação da ZTFE na vida religiosa dos adeptos migrantes, e a perspectiva de mudanças em pontos religiosos e sociais dos adeptos visando uma comparação entre Oriente e Ocidente. Todos esses três tópicos renderam grande parte da discussão da dissertação de Mestrado. Para o recorte do presente artigo, trabalharemos de forma mais exclusiva nas discussões sobre identidade.

No que se refere a este conceito, busco trabalhá-lo em diálogo com os conceitos de memória e oralidade, já que estamos lidando com fontes em entrevistas e em questionários. O pressuposto do qual se parte, é a ideia da formação do discurso do entrevistado de forma articulada, em colaboração com as construções da memória. Neste caso, a entrevista, de acordo com Alessandro Portelli (1997), é um espaço para trocas entre dois sujeitos. É uma troca de impressões, de olhares, e de informações. Pensar somente em um observador e um observado é uma ilusão. “Durante todo tempo, enquanto o pesquisador olha para o narrador, o narrador olha para ele, a fim de entender o que é e o que quer, e de modelar seu próprio discurso a partir dessas percepções” (PORTELLI, 2010, p. 20).

A memória participa desta relação assumindo uma característica de seletividade. A memória pode sofrer mudanças, adaptações em função do momento em que ela é articulada. As preocupações do momento indicam a estrutura da memória, que consciente ou inconscientemente, é construída (gravada, recalcada, lembrada).

Em um sentido mais profundo, a memória é um elemento fundamental para a construção do sentido de identificar-se. Parte do processo de identificação se usa das referências do Outro e dos Outros, como apresentado por Michael Pollak (1989), partindo dos critérios de aceitabilidade e credibilidade. Ora então, a memória e identidade não são essências de um indivíduo pois são negociadas (dialogadas e barganhadas, visando os interesses dos sujeitos) diretamente a partir das relações de alteridade.

Consideramos a identidade então como uma formação em constante trânsito, longe de ser tornar uma construção perpétua. De acordo com Zygmunt Bauman (2005), a identidade é almejada por um desejo de segurança. Quando falamos em um contexto migracional, pensando na identidade do imigrante, essa afirmação parece mais palpável ainda.

Em relação a afirmação de uma identidade referente aos padrões do local de origem, correntes e comunidades de imigrantes são fatores excepcionais para exaltação dos costumes. Práticas religiosas, modos de vestimentas e de comportamento, músicas, culinária e língua são importantes elementos que auxiliam na construção ou preservação de uma possível identificação do imigrante.

Esses elementos podem ser vistos como símbolos a partir da perspectiva de Kathryn Woodward (2000), que apresenta importantes discussões sobre identidade, convergentes com as ideias propostas na pesquisa. Woodward (2000) estabelece uma relação interessante entre identidade e diferença, no qual o primeiro conceito se organiza a partir de algo de fora, que fornece condições para que ela exista. A inserção do Outro e da identidade do Outro é fundamental para que se organize as diferenças e se proponha uma identidade. Os sistemas simbólicos, também ressaltados no parágrafo acima, são vistos como marcações para que as identidades adquiram sentido.

Um outro fator enfatizado por Woodward (2000) é o uso do passado que auxilia para estabelecer a identidade presente. Interessante como o assunto aqui se relaciona com a ideia de memória para Pollak (1992), no sentido em que, para construir a memória, os sujeitos podem se apropriar do passado, sendo essa apropriação muito mais significativa para compreender o presente do que o passado. Nas palavras de Woodward sobre identidade “Assim, essa redescoberta do passado é parte do processo de construção de identidade que está ocorrendo neste exato momento e que, ao que parece, é caracterizado por conflito, contestação, e uma possível crise” (WOODWARD, 2000, p. 12).

Compreendendo o migrante a partir dos conceitos de Diáspora e Migração

Ao pensar sobre os conceitos que envolvem as problemáticas da pesquisa, estabelece-se uma base teórica que engloba as discussões sobre migrações e diásporas em um primeiro momento. Esse estudo auxilia na compreensão do contexto histórico do objeto de pesquisa, que trata de migrantes, florescendo inúmeras questões que trazem uma noção mais crítica do processo complexo que é a migração e as diásporas.

O conceito de diáspora, que originalmente se restringia em torno dos judeus e armênios, ganha atualmente um novo caráter possível de ser usado em pesquisas sobre migrações (BERTONHA, 2015). Stuart Hall (2003) discutindo sobre identidades culturais na diáspora caribenha, e George Shepperson (1968) com o ensaio "*The African abroad or the african diaspora*" são importantes exemplos de pesquisas que passam a utilizar o termo fora da temática judaica ou armênia.

A princípio, o termo diáspora não seria adotado para a pesquisa. Contudo, após a averiguação dos trabalhos acerca da temática específica, foi constatado que alguns importantes autores utilizam o termo diáspora para se referir aos movimentos migratórios de religiões sul-asiáticas, como o Zoroastrismo (COWARD; HINNELLS; WILLIAMS, 2000).

Por esta razão, a presente pesquisa se aproxima das definições de diáspora trazidas por Steven Vertovec (1997) e abraçadas por John Hinnells (2005). Em uma revisão teórica de literaturas sobre o conceito de diáspora, Vertovec (1997) apresenta 3 formas de compreender este movimento. A primeira como uma forma social, pensada a partir de: relações sociais entre os indivíduos, criadas como um "resultado de uma migração forçada ou voluntária para, pelo menos, duas regiões diferentes" (VERTOVEC, 1997, *apud* HINNELLIS, 2005, p. 19); identidades coletivas sustentadas por um desejo e um mito de volta à terra de origem; uma solidariedade com imigrantes de mesma etnia, compartilhando sensações e sentimentos de rejeição ou exclusão pela sociedade de destino. O segundo entendimento, como uma forma de consciência, onde se destaca: um "estado mental" e um senso de identidade a partir de experiências ruins de exclusão e discriminação, e experiências positivas como ligações comuns a uma herança histórica; uma possível trilha de memórias coletivas, formadas a partir da diversidade de destinos de um grupo de mesma origem, dando diferentes sentidos de "aqui" e "lá". O terceiro entendimento de

diáspora como um modo de produção cultural, em que principalmente em um contexto de globalização, se enfatiza as identidades fluidas/híbridas, ou a mistura de diferentes identidades, atribuídas em sua maioria aos mais jovens, que por vez são responsáveis pela chamada “retradicionalização”, compreendendo as diferentes ideias que “tradição” possa ter.

Assim, me proponho a pensar na diáspora como um movimento com considerável número de pessoas que se sentem, de certa forma, obrigadas a abandonar seu local de origem, para dispersão em diversas regiões de destino, não somente uma. Ou seja, toda diáspora é uma migração, mas nem toda migração é uma diáspora. As considerações de Avtar Brah (1996) também auxiliam na compreensão do conceito. “Diáspora é uma jornada”, apresenta Brah, e esse conceito “invoca constantemente a imagem de traumáticas separações e deslocamentos, e isto é certamente um importante aspecto da experiência migratória. Mas diásporas são também potencialmente lugares de esperanças e recomeços”. (BRAH, 1996, p. 193).

Inserindo no contexto da pesquisa, o termo diáspora é utilizado para descrever o fenômeno de saída de zoroastrianos do continente asiático (principalmente da Índia e do Irã) e africano para Europa, a América e Oceania. A diáspora iraniana, como denomina Shirin Hakimzadeh (2016), contabiliza atualmente a marca de um milhão de pessoas e é caracterizada como heterogênea em seus emigrantes. Dentro das estatísticas, a religiosidade se apresenta como um elemento principal para provocar essa heterogeneidade da emigração iraniana. Grupos de minorias religiosas no Irã como os bahaístas, judeus, cristãos e zoroastrianos se dispersam pelo mundo por decorrência da intolerância religiosa. As religiões sul asiáticas também trazem uma perspectiva diaspórica, incluindo os movimentos de zoroastrianos na Índia, como indicado no livro de Harold Coward, John R. Hinnells e Raymond Brady Williams, *The South Asian Religious Diaspora in Britain, Canada and United States* (2000).

Sobre o conceito de migração, existem inúmeras abordagens e vertentes dentro da área de estudo da Demografia que apontam diferentes métodos para trabalhar com a problemática da movimentação de indivíduos. São diferentes perspectivas que ganharam

relevância em determinados períodos da história, e que foram sendo ultrapassados por outros modelos (CASTIGLIONI, 2009).

Aproximo-me da definição de Hélio Moura (1980, p. 11, *apud* CASTIGLIONI, 2009, p. 40) que propõe a migração como um fenômeno de reflexo, que “representa uma resposta da população ao processo de mudanças socioeconômicas que opera em um contexto específico durante um determinado tempo”. Isso significa que a migração é um fenômeno complexo e heterogêneo, devendo-se sempre compreender o contexto histórico, além de ser pontuado como causa e consequência da transformação da sociedade.

Para compreender melhor as complexidades deste conceito, Castiglioni (2009) traz a ideia de que os processos migracionais são seletivos. Desta forma, os indivíduos que atendem a migração, geralmente possuem traços comuns que se diferenciam daqueles que não atendem. Basicamente, alguns indivíduos tendem a migrar mais que outros. É a partir dessa lógica que a seletividade da migração funciona para traçar o perfil do migrante e estudar suas características, como idade, gênero, estado civil, instrução técnica, escolarização e etc. No contexto da presente pesquisa, para aqueles zoroastrianos que buscam melhores oportunidades de emprego e estudo na Inglaterra, são geralmente jovens, solteiros e com ensino médio ou a graduação completa. A comunidade zoroastriana na Inglaterra é um grupo altamente instruído, no qual muitos possuem uma pós-graduação (HINNELLS, 2005).

As condições do país ou região de origem e destino que impulsionam o migrante a migrar, são estudados pelos determinantes migracionais, conceito também exposto por Castiglioni (2009). O migrante e os grupos migracionais analisam as situações das possíveis opções e optam por migrar ou não. Até mesmo a intenção de reencontrar familiares e amigos e a existência de redes de assistência nos locais de destino se tornam fatores determinantes (CASTIGLIONI, 2009). Para os zoroastrianos, a possibilidade de uma melhor capacitação educacional e oferta de emprego se tornam um forte determinante, além claro da busca por um lugar seguro para aqueles que sofrem com as perseguições no local de origem.

Para finalizarmos, Castiglioni (2009) apresenta por último a ideia da consequência migracional. O conceito trabalha com os impactos, pessoais e regionais, produzidos pela migração tanto na origem quanto no destino. No que se refere ao eixo demográfico do local de destino, as consequências são geralmente positivas, trazendo com o aumento populacional de jovens instruídos, o rejuvenescimento da população. Todavia, nas regiões atrativas, a imigração massiva pode provocar problemas de desequilíbrio demográfico e de infraestrutura urbana. Aos locais de origem, as grandes emigrações são desfavoráveis pois podem causar o envelhecimento da população, reduzindo a capacidade local de gerar progresso e perdendo o dinamismo social e econômico (CASTIGLIONI, 2009). Enxergamos similaridades no contexto indiano, que com a migração zoroastriana para Inglaterra e outras localidades como os Estados Unidos, acaba por perder sujeitos jovens e altamente instruídos.

A imersão as fontes: quais as complexidades da identidade zoroastriana no contexto migratório?

Adentramos nesse momento na parte primordial da pesquisa. Contudo, antes de darmos início a análise das fontes, gostaria de trazer um breve quadro de informações sobre os indivíduos que responderam os questionários da pesquisa. Como mencionado na introdução, totalizamos a pesquisa em questionário (realizada 100% online através da plataforma Google Formulários) em 29 respondentes que participaram da pesquisa. O questionário conta com 4 perguntas objetivas e 7 discursivas, que visaram a busca de informações gerais dos respondentes como idade, gênero e local de nascimento e moradia atual, além de trabalhar com questões mais complexas, questionando sentimentos de identificação e as práticas religiosas em um espaço migrante.

Em sua maioria, 14 dos 29 respondentes, nasceram na Índia, seguindo com os outros 07 que nasceram em Londres, e 1 respondente nasceu em cada país a seguir: Iêmen, Tanzânia, Hong Kong, Quênia e Seicheles. Outras 3 pessoas não informaram o local de nascimento. Ressalto aqui o marco de 7 pessoas que nasceram em Londres, como um

indicativo de que os migrantes zoroastrianos já tenham atingido a sua segunda e terceira geração na Inglaterra. Sobre o local de residência, 14 vivem em Londres, 06 em outras cidades da Inglaterra, 07 não informaram a cidade em específico, e 3 pessoas não responderam. A média de idade dos respondentes fica entre os 61 anos, incluindo sujeitos entre os 36 e 86 anos. Em questão de gênero, os lados permanecem equilibrados, tendo 14 pessoas indicando o gênero masculino e 13 no gênero feminino.

É preciso reconhecer quem são os adeptos que participaram da pesquisa. De maneira geral, são majoritariamente adultos e idosos que vivem na Inglaterra e que se reconhecem como zoroastrianos. Como visto, não há a presença de jovens menores de 36 anos. Isso se dá pelo fato da pesquisa não ter atingido esses jovens zoroastrianos ou que essa população não se considera zoroastriano? Dados os indícios, acredito que a pesquisa online não tenha chegado até a população mais jovem. De acordo com a fala do presidente da ZTFE, Malcolm Deboo, durante a entrevista, ele deixa claro que há uma população jovem que se considera adepta a religião, porém em menor quantidade, se compararmos com os adeptos mais velhos.

Para darmos início as análises das respostas dos respondentes e dos entrevistados, consideramos uma primeira problemática: Com foi proposto que os respondentes falassem sobre a ideia de identidade, qual a percepção destes em relação ao conceito?

Identidade é um conceito plural. Diferentes pessoas carregam diferentes sentidos dessa palavra. Ao propor trabalhar com esse conceito, logo, como pesquisadora, buscamos referenciais que nos auxiliam a compreender melhor os questionamentos que um conceito traz. Vimos anteriormente um delineamento teórico discutindo o conceito através da perspectiva de alguns autores. Tornamos esse arranjo um alicerce para constituir as reflexões a seguir.

A partir das respostas dissertativas dos adeptos, compreendemos que a ideia de identidade presente entre o grupo respondente é majoritariamente definida da seguinte forma: Identidade é como me sinto e como me porto. Dessa forma, muitas respostas apresentaram uma visão que relaciona “o outro” na formação de sua identidade.

Além disso, quando proponho a relação entre identidade e religião na pergunta 06 “Você acredita que ser zoroastriano é parte da sua identidade? Por quê?”, 28 dos 29 respondentes confirmam a relação e dissertam sobre. Sendo o único a divergir, o respondente número 3 relata que a identidade de uma pessoa não tem a ver com a religião que segue, mas sim “com a forma que nós tratamos as pessoas e o ambiente a nossa volta”.

Considerando os outros 28 relatos, trazemos um ponto importante para pesquisa. A relação entre identidade e religião existe diretamente para o imigrante zoroastriano. “Minha religião é minha identidade⁵” (Respondente 01), “É o que me faz ser eu como pessoa⁶” (Respondente 02) são respostas que dialogam com essa ideia. Ao pensar nas formas que essa relação se constitui, podemos categorizar em 3 principais possibilidades, sendo elas: Família, Comportamento e Comunidade.

No que se refere à Família, 11 pessoas justificaram a relação entre identidade e religião através de sua criação familiar. Essa é uma relação previsível se levarmos em conta o caráter de herança geracional que o Zoroastrismo carrega. Importante salientarmos que dentro da religião não existe conversão, logo, as crenças religiosas devem ser passadas de pais para filhos, não podendo ocorrer a conversão para outra crença. Esse regulamento traz inúmeras questões e problemáticas principalmente dentro de um contexto imigratório, como casamentos mistos e iniciação de crianças na religião, que trataremos no decorrer do artigo.

Assim, a família e a forma como os responsáveis educam os mais jovens, é de extrema importância, pois introduzem os ensinamentos e as práticas religiosas. Além disso, contribuem para que os indivíduos se identifiquem com um padrão religioso zoroastriano de ser, tornando parte fundamental da resposta para a pergunta “Quem sou eu?”. Exemplifica-se a conclusão através dos relatos abaixo:

5 Texto original: “*My religion is my identity*”.

6 Texto original: “*Yes, that is what makes me who I am as a person*”.

“Meus pais nos criaram para acreditar em nossa religião e nos ensinamentos do nosso profeta Zaratustra⁷”. (Respondente 24). “É a minha educação e cultura na qual fui criada e o que eu sei. Isso foi fortemente insistido pelos meus pais⁸”. (Respondente 13). “Tem sido a religião dos nossos antepassados, a qual queremos dar continuidade para as próximas gerações⁹” (Respondente 23).

A segunda forma de relação entre identidade e religião é Comportamento. Encontramos em 10 respostas vínculos entre o autorreconhecimento e padrões não só de comportamento social, mas também de conduta, no sentido de apresentar-se. Esse vínculo acontece através de modelos zoroastrianos, no que se refere tanto a moral e ética quanto a vestimenta. Ressalto aqui, que as 3 formas que proponho não se anulam, pelo contrário, essas 3 possibilidades que justificam a relação identidade x religião conversam entre si. Encontramos em muitas respostas um diálogo entre as três formas estabelecidas. Dessa forma, o comportamento social ou a prática do uso de vestimentas zoroastrianas para orações (sudre e kustī¹⁰) podem vir acompanhadas pela justificativa familiar, sendo ou não um fator passado de geração em geração. A escrita do Respondente 05 exemplifica bem a relação. “Eu fui criada sob os valores e morais zoroastrianas... eu rezo e sigo as boas palavras, bons pensamentos e boas ações¹¹”.

Respondente 01 afirma que “Meu sudre, meu kustī e minha religião são minha identidade¹²”, uma frase que corrobora com a afirmação da segunda possibilidade. “Eu vivo e respiro bons pensamentos, boas palavras e boas ações¹³”. Eu faço minhas orações com

7 Texto original: “*My parents raised us to believe in our religion and the teachings of our Prophet Lord Zarathushtra*”.

8 Texto original: “*Yes, it's my upbringing and culture of what I've been brought up with and what I know. This was instilled heavily by my parents*”.

9 Texto original: “*It has been the religion of our forefathers which we would like to uphold for our next generation*”.

10 O sudre é uma vestimenta branca, como uma grande camiseta, que deve ser amarrada por um cinto, chamado de kustī. São extremamente importante para os zoroastrianos.

11 Texto original: “*Yes. I have been brought up with Zoro values and morals... I pray and follow good words, thoughts and deeds*”.

12 Texto original: “*My Sudrey and Kusti and my religion is my identity*”.

13 Fortemente lembrado entre os respondentes, bons pensamentos, boas palavras e boas ações é considerado o maior e mais importante preceito que os zoroastrianos devem seguir.

kusti diariamente e pratico as tradições e cultura zoroastriana todos os dias¹⁴” (Respondente 19). Além da presença do sudre e kusti (padrões de vestimenta) vemos na explicação da Respondente 19 o aparecimento de pontos comportamentais referentes a moral e ética. Observamos discursos parecidos nos Respondentes 06 “Bons pensamentos, boas palavras e boas ações são minha identidade¹⁵”, 28, “Ser zoroastriano é parte integral da minha identidade, e minha vida é baseada na ética zoroastriana¹⁶”, e por fim Respondente 29 “Definitivamente. Isso moldou minha personalidade, minhas crenças e meus valores¹⁷”.

Sabemos que a história do desenvolvimento do Zoroastrismo e de seus adeptos é longa. Na historiografia que trata do tema (por exemplo as mais utilizadas neste artigo, obras de Mary Boyce e John Hinnells), conflitos estão presentes desde a antiguidade até a era comum. Entretanto, na lógica desses conflitos, os zoroastrianos geralmente ocupam um espaço de perseguidos, e minorias sociais reprimidas. Talvez por conta de não ser uma religião proselitista, dentro do Zoroastrismo não se estabelece uma hierarquia religiosa, na qual uma religião ou prática pode trazer a salvação e o caminho correto ao bem, e as demais não. Assim, os adeptos acreditam que o bem e o mal estão dentro de todo ser humano, cabendo a cada um escolher a qual lado dar voz. Essa é uma importante característica zoroastriana que transmite um saber dualista muito forte entre os ensinamentos e as práticas da religião. Por essa razão, ao conversar ou ler relatos de zoroastrianos, é possível perceber um certo orgulho em exaltar os preceitos morais da religião e ostentar a prática dos bons pensamentos, boas palavras e boas ações. Essa característica carrega tanta importância, que é fortemente atrelada a ideia de se reconhecer como um zoroastriano, tal e qual visto nos relatos.

Um outro ponto destacado por alguns respondentes é a questão da língua. O ensino da língua gujarate ou avéstica faz parte da criação e desenvolvimento dos zoroastrianos, já que as orações, as celebrações e os livros sagrados se encontram nesses idiomas. Toda

14 Texto original: “*Yes. I live by and breath by good words, thoughts and deeds. I do my kusti prayers daily and practice the Zoroastrian culture and traditions daily.*”

15 Texto original: “*Good thoughts, good words are my identity.*”

16 Texto original: “*Being a Zoroastrian is an integral part of my identity and my life is based on its ethics.*”

17 Texto original: “*Definitely. It has moulded my personality, beliefs and values.*”

criança filha de zoroastriano passa por um processo de aprender a língua durante a infância. Além de ser uma questão ligada à Família, parece ser também relacionada ao Comportamento, no qual o indivíduo se porta ou não como um falante das línguas antigas. Dessa forma, a língua aparece nas respostas dos questionários como um ponto importante para a relação de identidade do indivíduo, atrelado a sua religião. Observamos então um exemplo interessante de como a língua pode ser vista como um símbolo para a afirmação de uma identidade, no qual os sujeitos que não falam a mesma língua, possuem uma identidade diferente (WOODWARD, 2020).

Algumas vezes mencionada, o aprendizado das “línguas tradicionais”, ou melhor, o não aprendizado dessas línguas é regularmente criticada. De acordo com alguns adeptos, o aprendizado é essencial para que se mantenha firme os laços entre religião e indivíduo. A crítica aparece quando tratamos do contexto ocidental, no qual, de acordo com os adeptos, o ensinamento das “línguas tradicionais” vem sendo esquecido. Respondente 25: “Muitas pessoas não usam o sudre e o kushti nem rezam. Casamentos mistos tomando lugar. Crianças não falam em Gujarate¹⁸”.

A menção da língua na fala da Respondente 25 se torna um problema em contexto migracional. Pelo fato de estar atrelada ao religioso, a falta da aprendizagem interfere diretamente, e se relaciona com uma perda de comportamentos estabelecidos no Oriente. Ao chegar ou crescer no Ocidente, o jovem zoroastriano se depara com o desafio de aprender uma língua antiga para realizar as orações, e ao mesmo tempo com as variedades distintas do Oriente que se apresentam no Ocidente.

Sugiro então uma reflexão pautada na fala de John Hinnells (1996). Se o aprendizado da língua tradicional zoroastriana é um desafio aos jovens em contexto britânico, esse fato não necessariamente acarreta em uma “desistência” da religião, mas em outras formas de segui-la, que florescem em um ambiente migrante. Podemos propor, a partir da crítica,

18 Texto original: “A lot don't wear sudreh kushti Nor pray. Intermarriage taking place. Kids don't speak Gujarati”.

que os mais velhos acreditam que a língua é necessária para praticar a religião. E aos mais jovens, que a religião pode ser praticada além dela.

Percebe-se que no interior de uma comunidade, como os zoroastrianos na Inglaterra, podem acontecer distintas identificações internas a partir de diferenças, sejam elas geracionais ou não. Ao passo que temos um grupo que prega pela permanência das práticas e comportamentos zoroastrianos usuais no Oriente, temos outro que tende a uma manutenção dessas ideias (e que é criticado por isso). Como mencionei no início deste artigo e como veremos em detalhes no decorrer das análises, o público que participou da pesquisa, representa muito mais o primeiro grupo do que o segundo, o que nos dá a possibilidade de analisar diretamente suas posições e falas.

A fala da Respondente 25 traz ainda mais uma menção em forma de crítica, além da falta de aprendizado da língua Gujarate e da falta do uso das vestimentas. “Casamentos mistos tomando lugar” se refere ao ato de zoroastrianos se casarem com pessoas fora da fé zoroastriana. Este ato é fortemente criticado por alguns adeptos, pois se tratando de uma religião que não acredita na conversão, somente um filho de pais zoroastrianos pode se tornar um zoroastriano e dar continuidade aos ensinamentos da religião. Fala-se muito sobre a possibilidade de aceitar crianças de casamentos mistos para inicialização dentro da fé, mas ainda é um assunto muito polêmico que gera grandes divergências entre os adeptos.

O que encontramos neste caso, são zoroastrianos que residem no Ocidente e que por conta de um maior diálogo sobre questões consideradas “modernas” como a independência da mulher em relação ao homem, acabam por haver uma maior probabilidade de não-casamentos ou de casamentos mistos em países do Ocidente, ou melhor, fora de regiões de origem como no Irã, Índia e países africanos.

O casamento assume neste contexto a forma de um símbolo que é utilizado como afirmação da identidade zoroastriana e com crítica àqueles que não seguirem esse padrão. É um assunto de tanta divergência e polêmica porque, com o aumento do número de não-casamentos ou casamentos mistos, diminui o número de crianças que serão inicializadas dentro da religião, o que encolhe conseqüentemente o número de adeptos futuros. A

discussão sobre um possível fim da religião e dos seus adeptos, é uma preocupação que já vem sendo fomentada entre os sacerdotes e os adeptos zoroastrianos.

A última forma de relação entre religião e identidade aparece em 5 respostas diferentes. O círculo social entre os adeptos também é visto como uma forma de se reconhecer zoroastriano. Mesmo não sendo uma religião que realize encontros semanais, como no caso das missas e cultos cristãos, quando essa religião chega em um território migrante, principalmente ocidental, a necessidade de se manter juntos aparece fortemente.

Notamos essa característica principalmente nos Respondentes 04 e 21, respectivamente, "Sim, é a minha criação e meu círculo social"¹⁹; "Sim, é o que me distingue e distingue minha ética de outras comunidades"²⁰. É possível observar na escrita do Respondente 21 um reconhecimento dos zoroastrianos como uma comunidade que se diferencia do outro pelo pertencimento religioso. Contudo, ressalto através da fala do presidente da ZTFE Malcolm Deboo, "nós não temos uma tatuagem na nossa testa que diz 'sou zoroastriano'. Nós não utilizamos as vestimentas lá fora, o que não nos torna nada diferente"²¹. Acredito que a distinção citada pelo Respondente 21 esteja no sentido de pertencer a uma prática religiosa que envolvem questões muito peculiares se comparadas aos padrões ocidentais. No sentido de vestimentas na vida civil (fora de contextos religiosos) ou características físicas, não é possível que se faça uma distinção especificadamente como zoroastriano em um meio social. O que pode ser generalizado entre os adeptos, é a identificação como imigrantes, pela presença de traços físicos que remetem ao subcontinente indiano e a regiões da África.

Por estarmos tratando de um contexto de imigrantes, essa conexão com a comunidade aparece também como um teor de resistência aos preconceitos e às dificuldades encontradas pelos adeptos. É praticamente um consenso a presença de preconceitos e racismo contra os imigrantes em qualquer região do mundo, contudo, trago

19 Texto original: "Yes. My upbringing and social circle".

20 Texto original: "Yes. It distinguishes me and my ethics from other communities".

21 Texto original: "We don't have a tattoo in our head "I'm a Zoroastrian" for instance, you know. Or we don't got dressed outside which makes us any different".

a escrita do Respondente 11 que afirma de maneira clara “Sim, é o que eu sou! A cultura britânica é muito hostil aos de fora, especialmente com os de cores diferentes²²”.

A palavra “hostil” presente na fala da Respondente 11 diz respeito a um preconceito mais complexo e enraizado contra asiáticos e africanos existente na Europa. Os processos de colonização e imperialismo realizados por “potências” europeias desde o século XVI na Ásia, África e América, trazem consequências vistas até hoje. Em aspectos físicos, basta olhar para as grandes construções europeias banhadas ao ouro retirado de regiões colonizadas, através da violência e do roubo. No outro lado da relação, vemos a devastação deixada pelos europeus nessas regiões. Em aspectos sociais, quase palpáveis, o preconceito a partir da ideia de uma superioridade étnica ecoa fortemente até os dias atuais.

Para trabalharmos de forma mais contextual e específica e compreendermos as complexidades da fala do Respondente 11, trago um acontecimento que diz respeito a relações entre britânicos e imigrantes no que se refere ao preconceito. Em janeiro de 2020, o Reino Unido oficializou a sua saída da União Europeia (UE), o chamado *Brexit* (*British exit*, saída britânica em português). A decisão foi tomada a partir de um plebiscito em 2016, no qual o povo britânico votou pela permanência ou saída do Reino Unido do grupo UE. O resultado, 53% da população votou pela saída, que foi efetivamente consolidada quase 4 anos depois (LACERDA, 2020).

Uma das maiores pautas argumentativas para aqueles que apoiavam o *Brexit*, incluindo o Partido Conservador Britânico (junto com o primeiro-ministro, Boris Jhonson) era composto por assuntos referentes a imigração. Argumentava-se que o Reino Unido deveria tomar o controle de suas fronteiras e proibir a imigração em grande escala. “Muitas pessoas estão preocupadas que o alto nível de imigração possa ter prejudicado seus empregos, salários e qualidade de vida” (DHINGRA, 2016, p. 35).

Entretanto, a consolidação do *Brexit* e o fechamento de fronteiras diz respeito a uma onda de práticas racistas e xenofóbicas:

22 Texto original: “Yes, it’s who I am! British culture is very hostile to foreigners, especially of different colour”.

Apesar de o Reino Unido não possuir mais colônias desde o fim da Segunda Guerra Mundial (1945), a mentalidade de império colonizar permanece, incitando comportamentos racistas, xenófobos e conservadores, e acarretando em políticas que enrijecem o controle de fronteiras em território nacional (FIGLINO, 2018, p.13).

Além das mudanças legislativas, é no meio social que as ações se desenvolvem mais rapidamente. Poucos meses após o plebiscito, os casos de “crime de ódio” aumentaram em 41% no Reino Unido. Os votos em sua maioria para a realização do *Brexit* parecem ter legitimado um comportamento racista no país. Oliver Turner (*apud* LACERDA, 2020) explica.

O estrago já foi feito. Estudos mostram que a maior parte das pessoas que votou em favor do Brexit tiveram a imigração como motivo. Eles achavam que a imigração estava muito alta e que havia muitos imigrantes no Reino Unido. Então, assim que o resultado veio à tona, o estrago estava feito. Você não tem como voltar atrás nessa mensagem. A decisão foi tomada. Não importa agora o quanto o governo tente assegurar que imigrantes terão seus direitos garantidos, eu acho que muitos imigrantes se sentem um alvo e vai ser difícil para eles se sentirem bem-vindos (TURNER, 2020, *apud* LACERDA, 2020).

Enxergamos o reflexo desses movimentos sociais e políticos no discurso do imigrante. Ao reconhecer esse problema na sociedade, o imigrante zoroastriano tem como uma das alternativas, buscar o conforto com o próximo da mesma fé. A fala da Respondente 25 completa este sentido. De acordo com a adepta, ela se sente bem-vinda em estar em comunidade e frequentar a ZTFE. “Sou sempre bem-vinda. Me sinto parte da comunidade. Sem racismo. Temos muito em comum²³”. Estar em um espaço com outros adeptos reconhecidos como comuns a ela, é um espaço de conforto, importante para o contexto do imigrante.

Para adentrarmos as próximas questões, acrescento aqui significantes observações sobre os levantamentos acima. No referente ao processo de identificação do imigrante zoroastriano, este está diretamente relacionado ao pertencimento religioso. É essencial considerar que tiramos essa conclusão a partir das falas dos adeptos pertencentes a uma

23 Texto original: “*Always welcome. Feel part of a community. No racism faced. Have lots in common*”.

faixa etária mais velha, na média de 61 anos e que habitam um espaço estrangeiro. A partir das falas, é possível perceber que alguns reconhecem a Inglaterra como um espaço estrangeiro, outros não. O Respondente 13 diz que ainda que tenha uma criação dentro da fé zoroastriana, enfatiza o pertencimento como cidadão, “eu me sinto britânico²⁴”. Outros, ainda buscam através da memória um pertencimento étnico e coletivo da terra de origem, como no caso do Respondente 11 “Nós somos persas que não temos um verdadeiro lar²⁵”. Por mais que não exista atualmente o país Pérsia e que a naturalidade tenha sido substituída pela palavra “iranianos”, o termo “persas” se refere a uma identificação étnica, muitas vezes associado a um orgulho relacionado a memória coletiva de um passado glorioso.

Interessante notar que o Respondente 11 que utiliza a primeira pessoa no plural (nós) para se referir ao gentílico “persas”, na verdade nasceu em Zanzibar, na África. Contudo, ele se identifica como persa a partir de sua etnia, o que é legitimado também por ser um adepto ao Zoroastrismo. Sendo assim, o Respondente 11 é um zanzibarita-persa.

Nota-se ainda que o Zoroastrismo como uma religião étnica está diretamente atrelada a uma identificação, por sua vez, étnica. Isso ocorre quando vimos na frase “nós somos persas [...]”. Por se tratar de uma religião que advém do Oriente (antiga Pérsia), é pressuposto que as identificações étnicas estejam relacionadas a este local. Porém, como trabalhamos com um contexto de imigrantes, o reconhecimento nacional visto na fala “eu me sinto britânico” do Respondente 13, pode ser também atrelado a região de destino. Neste caso, é justificado pelo fato de ser um imigrante de segunda geração, ou seja, os pais vieram de fora da Inglaterra e o sujeito nasceu na Inglaterra. A imersão deste na cultura e nos padrões ocidentais é mais forte se comparado com adeptos imigrantes de primeira geração.

A questão geracional é um ponto de importância no que se refere a comportamentos dentro da comunidade zoroastriana. Esse ponto traz inúmeras questões,

24 Texto original: “*I do though feel British*”.

25 Texto original: “*We are Persians who have no real home*”.

entre elas, a preocupação pelo afastamento de imigrantes de segunda ou terceiras gerações em diante, em relação a religião. Em 1959, o então presidente da ZTFE, Jehangir D. Moss escreve sua preocupação.

A primeira geração de zoroastrianos que vieram morar na Europa, de modo geral, tem o treinamento e o conhecimento necessário para seguir sua própria religião. A segunda geração é raramente propriamente instruída, e o processo de fusão com os outros se torna evidente. A terceira geração está quase completamente perdida na nossa religião. Esse processo vem acontecendo nos últimos 100 anos e nós estamos perdendo nossos melhores filhos e filhas para outras comunidades (MOSS, 1959, *apud* HINNELLS, 2005, p. 354, tradução da autora).

Consideramos o contexto que Moss escreve sua preocupação ao dizer que a terceira geração está perdida na religião zoroastriana. Atualmente a preocupação geracional persiste. Contudo, o atual presidente da ZTFE, Malcolm Deboo, encara a situação com mais otimismo, ressaltando resultados positivos que a modernização vem trazendo para a comunidade.

Mas outras vantagens na era pós-internet das mídias sociais. O que nós estamos testemunhando é que se tem grupo de conversas zoroastrianos, como qualquer outro grupo de conversa, vindo junto. E nós encontramos... em tempos nós encontramos surpresas. Eu encontro jovens me dizendo "oh", e esses são dois zoroastrianos, "oh, nós nos conhecemos através do Facebook, ou "nós nos conhecemos através desse tipo de coisa...". E isso também... isso é um exemplo que nós podemos usar a nova tecnologia a nosso favor²⁶ (DEBOO, 2019, tradução da autora).

As falas dos presidentes da instituição desde a década de 60 até os dias atuais, demonstram uma certa atenção sobre a comunidade e seus adeptos no que se refere à permanência ou não destes dentro da estrutura religiosa. Essa parece ser então um tópico de debate e preocupação de responsabilidade da ZTFE, em espaços europeus.

26 Texto original: "*But other advantages in the post internet social media era. What we are also witnessing is that you do have the Zoroastrian chat group, like other chat groups coming along. And we do find... at times we do find a surprise. I do find young people telling me "oh", and these are two Zoroastrians, "oh, we met all through Facebook" or "we met all trough that sort of thing..." And that's also, so this is an example we can use the new technology to our advantage"*.

Finalmente, gostaria de levantar uma última questão. Refletiremos mais um pouco nas falas dos respondentes sobre a questão de identidade e sobre a divisão apresentada nesse tópico: Família, Comportamento e Comunidade. De maneira geral, com esses três pontos, criamos um padrão de ser zoroastriano, no qual, seguindo as propostas citadas pelos respondentes, torna um sujeito, um adepto ao Zoroastrismo. Mas então o que acontece com o sujeito que se identifica como zoroastriano mas não nos padrões citados? Acredito que para os três pontos são necessárias justificativas diferentes.

Em relação a Família, a história é complexa. Se um sujeito se identifica como zoroastriano, mas não pressupõe que sua família ou criação tenham a ver com essa relação, temos duas opções. A primeira é que simplesmente o sujeito teve a intenção de relacionar outros pontos, como Comportamento e Comunidade, e não citou a Família. Isso acontece com 9 dos 20 respondentes que responderam essa pergunta específica no questionário (Pergunta 06).

A segunda opção seria que o sujeito não concorda com a afirmação de que “Sou zoroastriano porque minha família me criou assim”. Com base nos estudos que tenho sobre o tema, posso afirmar que isso seria um tanto quanto incoerente e contraditório. Estamos tratando de uma religião étnica não proselitista. Se a família não criou o sujeito dentro da fé, dificilmente ele será um zoroastriano. É necessário que a criança passe por aulas e etapas até que seja feito sua cerimônia de iniciação, conhecida pelos parsis como Naujote e pelos iranianos como Sedra-pushun.

Dessa forma, seria equivocado dizer que o sujeito se identifica como zoroastriano mas não relaciona esse fato com a educação e instrução da família, quando criança. Por esta razão, a Família aparece 11 vezes entre os 20 respondentes que responderam à pergunta. É uma questão essencial para formação do adepto.

Passando para os dois outros pontos, podemos discutir suas justificativas juntas. Se uma pessoa não se adequa aos padrões de Comportamento e Comunidade como sugeridos neste tópico, não seria um equívoco se ela ainda sim se identificasse como um zoroastriano, ao contrário da discussão da Família. Principalmente quando falamos de um contexto migracional, mudanças são avistadas. Ainda que o sujeito não se vista

apropriadamente na hora das orações, não saiba falar as línguas tradicionais, não siga os modelos éticos de comportamento e não frequente a comunidade, ele pode se identificar como um zoroastriano. Pode também ser fortemente criticado pelos outros adeptos, pela postura inadequada. O tom de crítica na fala dos adeptos é encontrado no questionário. Pelo fato de se tratarem de pessoas mais velhas, na média dos 61 anos, o posicionamento contra as mudanças que ferem o tradicionalismo zoroastriano é facilmente notado.

Em suma, acredito que quando afirmamos que todo zoroastriano relaciona sua religião com sua criação familiar, o consentimento é unânime. De forma antagônica, quando padronizamos determinado comportamento e convívio em comunidade e associamos a forma de ser zoroastriano, a possibilidade de não haver um consentimento entre os adeptos é presente. Principalmente quando tratamos de adeptos migrantes que podem ser mais próximos de comunidades externas ao Zoroastrismo, o seguimento de normas tradicionais da religião nem sempre aparece de forma regular.

Importante perceber que esse padrão que criamos a partir das respostas do questionário se justifica pelo próprio perfil dos respondentes, sujeitos mais velhos e próximos a uma determinação tradicional oriental. Se ouvíssemos os adeptos mais jovens, provavelmente os argumentos utilizados para descrever a relação entre identidade e religião seriam diferentes. Talvez mais maleáveis ou diversos. Mas certamente diferentes.

Considerações Finais

Com a dimensão global que as ondas migracionais e diásporas zoroastrianas incorporaram, é no período contemporâneo que encontramos a formação desta comunidade religiosa em todos os continentes. Sujeitos relacionados a uma identificação étnica oriental, passam a habitar as mais distantes regiões, ocupando também espaços característicos de padrões culturais ocidentais. Neste contexto, o Oriente no Ocidente, os conflitos parecem ser mais aparentes e específicos de um contato entre dois comportamentos distintos. Deste conflito, é gerado diversas questões, entre elas, a

problemática da identidade dos sujeitos e de uma comunidade oriental em um espaço ocidental.

É através das falas dos respondentes que participaram do questionário da pesquisa, que notamos um conjunto de discursos formadores de ideias sobre identidade e religião, atrelado a migração. Pela observação das informações analisadas, identidade e religião estão diretamente relacionadas. Essa relação aparece em três aspectos: família, comportamento e comunidade. A partir da fala dos adeptos, é possível organizá-las basicamente em o modo como fui criado, o modo como me comporto, e a comunidade em que me insiro.

Essas relações aparecem de modo mesclado nos discursos e elas simbolizam um padrão demonstrado pelos adeptos, que está diretamente associado ao perfil do grupo dos respondentes. Quando falamos de imigrantes, percebemos que diferentes gerações possuem diferentes relações com o espaço de destino da migração, considerado a nova morada. Observamos que migrantes de primeira geração, possuem uma maior dificuldade no processo de assimilação com o novo contexto, sendo que aqueles que nascem no local, a partir da segunda geração, possuem mais facilidade neste quesito. Dessa forma, mesmo dentro de uma comunidade, nos deparamos com nichos internos que concentram diferentes visões e perspectivas da religião e do adepto.

No caso do presente artigo, o perfil dos respondentes que atenderam a pesquisa traz uma perspectiva específica. Caso trocássemos de “grupo”, teríamos distintos pontos de vista. Neste perfil, se traz a existência de símbolos que servem para certificar a identidade de um zoroastriano. Entre eles, a questão da língua, as vestimentas sagradas (sudre e kustî), a projeção dos bons pensamentos, boas palavras e boas ações, o casamento dentro da fé e a inserção na comunidade.

Dessa forma, o perfil também tece críticas relacionadas aos símbolos, ou melhor, ao abandono dos símbolos por certos adeptos. São criticados aqueles que não falam as línguas tradicionais, que não usam o sudre e kustî, não casam dentro da fé, e não se relacionam tão diretamente com outros adeptos em comunidade, por exemplo.

É necessário perceber dentro desta questão geracional, a assimilação destes que são criticados pelo abandono de ideias orientais e que se aproximam de um diálogo mais amplo com padrões ocidentais. A questão do preconceito contra o imigrante está atrelada a esta ideia, que pode ser vista como uma estratégia para melhor acomodação na sociedade de destino, visando uma fuga assim de envolvimento xenofóbicos. Contudo, este sujeito que busca uma aproximação ao padrão britânico, sofre por consequência as críticas de um grupo dentro da comunidade zoroastriana que defendem a permanência das tradições ao estilo oriental.

Finalmente, o conflito parece ser um conceito presente nessas relações. Não só o conflito do imigrante adepto com a sociedade britânica externa, mas também no interior da própria comunidade zoroastriana. Os embates por sistemas simbólicos no contexto da pesquisa demonstram mais uma vez que a identidade é um campo de disputa. Sempre articulada e construída em defesa das ideias dos sujeitos, ela se transforma dado o contexto espacial e temporal. Junto da memória, são artifícios do presente que buscam suas legitimações em diferentes passados.

Referências

- BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- BOYCE, Mary. *Zoroastrians: Their religious beliefs and practices*. Londres: Routledge and Kegan Paul, 1979.
- BRAH, Avtar. *Cartographies of Diaspora: contesting identities*. EUA: Routledge, 1996.
- BERTONHA, João F. Transnacionalismo e diáspora: reavaliando conceitos e paradigmas teóricos das imigrações. In: *Imigração e imigrantes: uma coletânea interdisciplinar*. Salvador: Editora Pontocom, 2015.
- CASTIGLIONI, Aurélia H. Migrações: abordagens teóricas. *Migração Internacional na Pan-Amazônia*. Belém: NAEA/UFPA, 2009.
- COWARD, Harold; HINNELLS, John R; WILLIAMS, Rymond Brady. *The South Asian Religious Diaspora in Britain, Canada and the United States*. EUA: University of New York, 2000.

DHINGRA, Jonathan W. S; OTTAVIANO, Gianmarco; REENEM, John Van. Brexit and the impact of immigration on the UK. In: *Brexit 2016: Policy analysis from the Centre of Economic Performance*. Londres: LES, 2016.

FIGLINO, Beatriz. A validação da exclusão do imigrante em esferas representativas na campanha pela Brexit. *Revista Pensata*. Vol. 07, n. 01. São Paulo: 2018.

HAKIMZADEH, Shirin. *Iran: A vast Diaspora abroad and millions of refugees at home*. Migration Policy Institute, 2016.

HALL, Stuart. *Da diáspora: Identidade e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003

HINNELLS, John R. *Zoroastrians in Britain*. Oxford: Clarendon Press, 1996

_____. *The Zoroastrian diaspora: Religion and Migration*. Inglaterra: Oxford Press, 2005.

KREYENBROEK, Philip G. Zoroastrianism as an imperial religion. In: STEWART, Sarah (ed). *The everlasting flame: Zoroastrianism in History and Imagination*. Londres: Tauris and Co Ltd, 2013.

LACERDA, Nara. Brexit muda as relações pessoais e imigrantes relatam incertezas. *Brasil de Fato*, 2020. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/01/31/brexit-muda-as-relacoes-pessoais-e-imigrantes-relatam-incertezas> Acesso em: 17 jun. 2020.

MOURA, Hélio. *Migração interna, textos selecionados: teorias e métodos de análise*. Fortaleza: BNB, 1980.

POLLAK, Michel. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, 5 (10). Rio de Janeiro, 1992.

_____. Memória, Esquecimento, Silêncio. *Estudos Históricos*, 3 (3). Rio de Janeiro, 1989.

PORTELLI, Alessandro. Forma e significado na História Oral. A pesquisa como um experimento em igualdade. *Projeto História*, v.14, p. 7-24, fev. 1997.

_____. Sempre existe uma barreira. A arte multivocal da História Oral. *Ensaios da História Oral*. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

SHEPPERSON, George. The African abroad or the African diaspora. In: *Emerging themes of African History*. Nairobi: East African Publishing House, 1968. p. 152-176.

VERTOVEC, Steven. Three meanings of “Diaspora”, exemplified among South Asian Religions. *Diaspora: a journal of transnational studies*. Vol. 6, p. 277 – 299. Toronto University Press, 1997.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomas T. da. In: *Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000.